

MALTA, André. *A Musa difusa: Visões da oralidade nos poemas homéricos*. São Paulo: Annablume Clássica, 2015.

Carlos Leonardo Antunes¹

O livro de André Malta, *A Musa difusa: Visões da oralidade nos poemas homéricos*, tem por objetivo, como descrito pelo próprio autor no início de sua introdução (p. 11), “apresentar didaticamente as discussões principais sobre a questão da oralidade na épica, com foco em dois nomes fundamentais, o do alemão Friedrich August Wolf (1759-1824) e o do norte-americano Milman Parry (1902-1935).”

É em torno dessas duas figuras (e dos trabalhos por elas diretamente influenciados) que o autor centrará sua atenção, não deixando de se mostrar cômico de dois pontos importantes: i) a presença de inúmeros outros recursos estilísticos (sonoridade, visualidade, metáforas, símiles, mistura dialetal, convenções narrativas, etc.) que são explicitamente deixados de lado em seu livro; ii) a inevitável impossibilidade de abordar todos os estudos a respeito de Homero, mesmo numa leitura que privilegia apenas um ou outro dentre os muitos aspectos do texto.

Ainda que diga não ter a intenção de fazer a historiografia do texto homérico, Malta nos leva em uma cuidadosa viagem aos textos fundadores da área na modernidade, dos quais, em geral, temos apenas um conhecimento secundário, por meio de citações ou de leituras que os incorporaram (ou superaram) de alguma maneira.

O primeiro destino a ser visitado, indispensável, nos conduz à Questão Homérica. Recuando até o século XVII, Malta encontra em François Hédelin, Giambattista Vicco e Robert Wood três precursores para o trabalho de Wolf. A essa altura, ainda no início do livro, já se torna evidente ao leitor a importância do trabalho de Malta, por ser pioneiro em conduzir um estudo minucioso desses autores um tanto quanto esquecidos, especialmente entre nós brasileiros, a quem o acesso a seus textos é difícil. A sucessão de relatos a respeito das visões desses teóricos, pela habilidade da escrita de Malta, prende-nos em uma investigação quase detetivesca, em que acompanhamos as primeiras suposições e hipóteses modernas para tentar dar conta de compreender as características (até aquele ponto) confusas do texto homérico.

Chegando a Wolf, Malta se permite uma nova e bem-vinda digressão, a fim de relatar-nos um pouco da história do texto de Homero até chegar

1 Doutor em Letras Clássicas pela USP. Professor de Língua e Literatura Grega na UFRGS.

ao advento da publicação do manuscrito de Villoison, contendo escólios dos críticos alexandrinos ao texto homérico, obra que serviu de base para a edição de Wolf. Num relato detalhado, o autor nos mostra como o crítico alemão buscou encontrar a evolução do texto de Homero dentro dos próprios poemas. Ainda que tenha tido uma visão talvez demasiadamente negativa, é evidente como o trabalho de Wolf foi importante para apontar os principais problemas da *Iliada* e da *Odisseia*, com os quais ainda hoje nos deparamos, envolvendo a nítida presença de mais de uma mão a compor e editar os textos, e o modo pelo qual essas partes contrastantes podem (ou não) ser entendidas.

Em seguida, somos apresentados à evolução de leituras analistas que herdaram a tendência de Wolf a dissecar o texto homérico à procura de suas partes constitutivas. Ainda que possam ser datados em suas conclusões, esses textos continuam sendo valiosos pela contribuição que nos deixaram pelos problemas por eles identificados. Essas leituras analíticas são imediatamente postas em contraste pela visão dos autores que se insurgiram contra elas, defendendo uma visão unitarista dos poemas, motivada principalmente pelas descobertas arqueológicas de Heinrich Schliemann.

Passando pelos principais nomes das duas tendências, Malta chega por fim a Milman Parry, a fim de relatar sua descoberta da oralidade nos textos homéricos a partir da observação do método de composição e de performance de bardos iugoslavos. Para terminar sua exposição, o autor trata do epíteto tradicional e dos momentos em que esses epítetos podem ser mais do que um mero adorno, mas também fonte de significação dentro dos poemas. Apontando para diversos autores posteriores que foram herdeiros intelectuais de Parry, Malta conclui o itinerário dessa viagem de leituras.

A incursão por Homero é finda, mas não o livro de Malta: resta ainda um ensaio final, “Os clássicos pelas beiras”, que constara anteriormente em seu Memorial para Livre-Docência. Pelo longo e criterioso exame da bibliografia homérica referente à oralidade, o livro de Malta já se garantira como leitura obrigatória para qualquer curso de Épica Grega no Brasil. Porém, com esse ensaio final, ousou dizer que ele se tornou também um marco para o momento que vivemos – um momento de asserção consciente de nosso modo de fazer tradução e pesquisa em Estudos Clássicos no país.

Malta inicia seu ensaio com uma crítica contundente não só a si mesmo, como evidenciara durante a defesa de seu Memorial, mas aos classicistas brasileiros em geral: aqui, lemos a produção feita no exterior, em especial a dos países de língua inglesa, francesa, italiana e alemã; escrevemos nos reportando a esses textos, na esperança (geralmente vã) de sermos

ouvidos; mas, ao mesmo tempo, ignoramos sumariamente uns aos outros, ficando como que falando sozinhos.

Lembrando a postura herdada por ele de Cavalcante e de Torrano, Malta defende que deixemos de tentar simplesmente imitar o modo estrangeiro, com seu repertório de referências e cacoetes já há muito estabelecidos (sem, ao mesmo tempo, ignorar o amplo caminho que trilharam e o que podemos nos beneficiar com ele), e não tenhamos medo de conduzir nossos trabalhos a partir da nossa perspectiva periférica e de nossa própria herança cultural e linguística.

Por fim, o autor termina ainda elogiando e defendendo a produção tradutória (em especial a tradução criativa) que vem sido feita nos últimos 50 anos no Brasil, notando o modo pelo qual ela é um fenômeno distinto do que se vê lá fora. Num país com uma tradição clássica ainda se constituindo, as traduções são, de fato, um marco fundamental – marco este que vem se consolidando cada vez mais e com mais força. Livros como o de Malta, com sua excelência em aprofundar as referências teóricas de base para futuros trabalhos em estudos homéricos, são testemunho de um crescimento notável e virtuoso em nossa área.

Recebido em: 30/10/2015. Aceito em: 12/11/2015.